

A CORRENTE DO BEM¹: pensando a dádiva e o elo social

Welkson Pires²

Resumo: O presente artigo vem contribuir com a discussão acerca da *teoria da dádiva*, e de seus principais postulados, no que concerne a sua possibilidade explicativa em relação ao complexo social. Nesse sentido, retomaremos e esclareceremos alguns aspectos de tal teoria numa explanação sistemática, levantando, também, outras questões que acreditamos serem fundamentais e que estão no cerne do que se compreende por *elo social*. Com a finalidade de oferecer uma ilustração clara e coerente da dádiva, apoiaremos nossa exposição conceitual na representação construída no filme “A corrente do bem”, apontando, a partir da análise dessa narrativa, o estabelecimento da *espiral da dádiva*. Nesse sentido, nosso estudo se define, metodologicamente, como uma análise da narrativa fílmica: interessa-nos situações e comportamentos sociais que estão expostos no filme e que podem nos ajudar a refletir sobre a dádiva.

Palavras-chave: Dádiva. Elo Social. Corrente do Bem.

Abstract: The current article contributes to the discussion about the *theory of the gift*, and its main postulates, about their possible explanation in relation to the social complex. In this sense, we will retake and clarify some aspects of this theory in a systematic explanation, raising also other issues that we believe are fundamental and which are the heart of what is meant by *social bond*. In order to provide a consistent and clear illustration of the gift, we will support our conceptual exposure in the representation constructed in the film “Pay It Forward”, pointing from the analysis of this narrative, the establishment of the *spiral of the gift*. In this sense, our study is defined, methodologically, as an analysis of filmic narrative: we are interested in social situations and behaviors that are exposed in the film and that can help us reflect on the gift.

Keywords: Gift. Social Bond. Pay It Forward.

“O dom? Aquilo que resta quando
tudo foi esquecido, e antes de tudo ter sido aprendido?”

Godbout

¹ O filme *Pay it forward* – título original que carrega em si uma expressão que buscaremos compreender em nota posterior – teve, no Brasil, sua veiculação sob o nome de *A corrente do bem*. Por tudo que esse filme nos evidenciará nas análises que se seguirão, consideramos essa nomenclatura por demais adequada, ainda mais por podemos extrair dela dois entendimentos, possíveis no contexto do presente artigo, para a palavra *bem*, a saber: *virtude* (aspecto moral) e *objeto* (material e/ou simbólico). Essas possibilidades de compreensão para a palavra *bem*, longe de serem opostas, devem ser tomadas enquanto *convergentes* no espaço circunscrito pela dádiva. É o que poderemos deduzir a partir da discussão geral que aqui se desenvolverá.

² Bacharel em Comunicação Social pela UEPB. Mestre em Sociologia pela UFPB. Doutorando em Sociologia pela UFPE. E-mail: welksonpires@yahoo.com.br.

No primeiro dia de aula, o professor de Estudos Sociais, Eugene Simonet, expõe aos seus alunos: “há um mundo lá fora, e mesmo que não queiram enfrentá-lo, vocês vão senti-lo como um tapa na cara. Então é melhor começar a pensar no que ele significa para vocês agora”. A partir daí, formula-lhes as seguintes questões: “o que o mundo significa para vocês? Para que pensar no mundo? Afinal, o que o mundo quer de nós?”. Essa cena se insere no âmbito do filme *A corrente do bem* (2000), que parece, em última instância, estar intimamente relacionado à problemática mais ampla que atravessa as ciências sociais como um todo e a sociologia em particular, a saber, o que é a sociedade? Como ela se constitui? O cerne de tais questões se encontra na compreensão do *vínculo social*: como esse se estabelece? O que faz com que os indivíduos interajam entre si, estabelecendo relações de interdependência? Qual o móbil dessa interação?

Marcel Mauss, em seu *Ensaio sobre a dádiva* (2001), oferece-nos um caminho interessante e bastante profícuo – pois se distancia das abstrações em prol do dado empírico – à resolução, pelo menos parcial, dessas questões acima suscitadas, justamente por explorar, em última instância, a noção de *contrato social*³. A produção fílmica que apontamos, até onde pudemos perceber, materializa, em certo sentido, o pensamento desse teórico através de uma representação que nos leva a uma compreensão da natureza do *elo social*. Assim, surge a *dádiva (dom)* enquanto princípio/meio do *pacto associativo*.

Na perspectiva maussiana, a dádiva é uma espécie de sistema, mais que isso, ela é o próprio sistema social, pois propicia e orchestra as relações sociais propriamente ditas. Podemos considerá-la como o pilar fundamental, sem o qual nenhuma sociedade poderia existir. Dessa forma, como podemos definir a dádiva? Godbout (1997, p. 30) nos oferece uma definição: “*qualifiquemos de dom toda a prestação de bens ou de serviços efetuada, sem garantia de retribuição, tendo em vista criar, alimentar ou restabelecer os laços sociais entre as pessoas*”. É importante ressaltar que o foco aí não é a *coisa* posta em circulação, o seu valor de uso ou seu valor de troca, mas essencialmente o seu *valor de elo*. Sobre isso, Haesler

³ Segundo Lanna (2006, p. 89), Mauss fala em “contrato” se referindo à sociabilidade estabelecida pela dádiva, lembrando-nos, em seguida, que a questão “o que é uma sociedade?” está no âmago do pensamento maussiano. Fazendo um paralelo com outros contratualistas, Lanna ainda aponta que Mauss substitui a noção de *acordos entre indivíduos* por *regras coletivas*. E completa, “se há momentos em que Mauss pensa a troca como um contrato, há também momentos em que ele funcionalmente a toma como ‘um meio de fortalecer o contrato’”.

(2002, p. 156-57), apoiando-se em Simmel, nos diz que *a coisa dada* pode ser vista como um *obstáculo* e um *desvio* ao que verdadeiramente importa, ou seja, ela é apenas o testemunho da relação, do fio tênue que foi estabelecido. Assim, os “agentes da troca” recorrem a “uma coisa para significarem mutuamente seu compromisso recíproco”. A coisa, então, passa a exercer uma *função*, ela perde “toda a sua especificidade física já que está inteiramente investida pela forma social que ela mediatiza”. Percebe-se, com isso, que a perspectiva simmeliana converge com a maussiana ao apontar que, a partir das relações de troca, são tecidos os “fios microscópicos, mas infinitamente tenazes, que ligam um elemento da sociedade a outro, e assim os junta a todos numa vida estável e comum” (SIMMEL, 1950, p. 395).

Feita essa primeira exposição conceitual da dádiva, realizaremos, nas próximas linhas, uma discussão geral acerca dos seus principais aspectos a partir de uma análise da representação construída no âmbito do filme *A corrente do bem*. De início, achamos conveniente enfatizar o caráter humanístico dessa produção, tendo em vista que ela levanta uma problemática deveras contemporânea: *a fragilidade dos laços humanos*. Bauman (2004, p. 112-13), em sua ampla discussão sobre a hodierna liquidez da conjuntura social, descreve: “a inédita fluidez, fragilidade e transitoriedade em construção (a famosa ‘flexibilidade’) marcam todas as espécies de vínculos sociais que [...] [outro] combinaram-se para constituir um arcabouço duradouro e fidedigno dentro do qual se pôde tecer com segurança uma rede de interações humanas”. Tal situação parece por em perigo a própria existência do social. É justamente contra essa possibilidade que se posiciona o argumento da narrativa ficcional em questão. Assim, no seguimento de nossa análise, reconheceremos, notadamente, no enredo fílmico, alguns traços que Godbout (*apud* GRAEBER, 2006, p. 80) aponta enquanto (re)constituintes dos laços sociais: “entrega, perdão, renúncia, amor, respeito, dignidade, redenção, salvação, retificação, reparação, e tudo que se encontra no cerne das relações entre pessoas e que é nutrido pela dádiva”. Todos esses aspectos são constantemente enfatizados e valorizados enquanto parte da condição humana, ou seja, é necessário que sejam resguardados. *A corrente do bem*, portanto, trata *especialmente* de *moral*, pois trata de dádiva:

Em nossa concepção, a relação social da dádiva é a figura genérica de qualquer relação social; devido à sua complexidade; à sua fragilidade e à sua interioridade, a dádiva permite-nos reencontrar uma idéia da intersubjetividade, do vínculo social e, finalmente, da sociabilidade [...]. Demonstração reveladora como nenhuma outra, a dádiva é, talvez, uma das derradeiras práticas sociais em que, ainda sem desvios, falsas desculpas ou justificativa, se manifesta a questão ética da condição humana. (HAESLER, 2002, p. 139-40)

“Pay It Forward”⁴: por uma associação visando o elo social

Com o objetivo de instigar seus alunos a pensarem a sua inserção na sociedade e o que isso implica, o professor Simonet levanta a seguinte questão: “se o mundo for uma grande decepção?”. Prontamente responde uma das crianças: “estaremos ferrados”. O professor concorda que, de fato, essa é uma possibilidade, “a não ser que peguem aquilo de que não gostam nesse mundo e deixem tudo de ponta-cabeça”, ele propõe. Em seguida, ele indica uma atividade escolar: “pense em uma idéia para mudar o mundo e coloque-a em ação!”. Dentre os mais variados projetos, um se destaca: Trevor pensou no seguinte esquema:

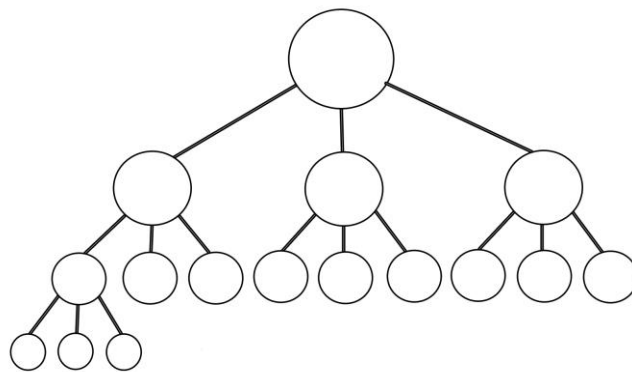


Figura 1 – “Pay It Forward”

“Esse [o primeiro círculo do esquema] sou eu. E aqui [logo abaixo] são três pessoas. Eu vou ajudá-las, mas tem que ser em algo muito importante⁵. Algo que elas não possam fazer sozinhas. Eu vou fazer para elas. Elas ajudam outras três pessoas. Já são nove”, explica Trevor. Tal construção fílmica materializa uma rede social baseada no princípio da dádiva. Segundo Godbout,

⁴ *Pay it forward* é, como foi dito em nota anterior, o título original do filme *A corrente do bem*. Caso procedêssemos a sua tradução livre, teríamos o seguinte: “retribua adiante”. Na legenda em português, que consta na edição brasileira de tal filme, encontramos aquela expressão enunciada sob a forma “passe pra frente”. Visando preservar o sentido original daquela expressão, que se destina à definição dum modelo de interação constituído no contexto fílmico, optamos por manter a sentença no seu idioma de origem.

⁵ A dádiva deve ser uma *riqueza*, não somente para quem dá, mas, principalmente, para quem recebe. Isso significa, precisamente, que se dou algo de muito valor – material e/ou simbólico –, a pessoa agraciada com meu dom é, de fato, *importante* para mim – reconheço-a, assim, enquanto parte essencial de minha vida. Como diz Mauss (2001, p. 176), “é preciso ser ‘grande senhor’ nestas ocasiões”.

O momento capital é o primeiro, o do dom propriamente dito. É ele que faz aparecer algo que não existia anteriormente, um efeito sem causa, sem o qual, falando propriamente, nada existiria. Se se quiser, a razão pela qual há qualquer coisa em vez de nada, é que essa qualquer coisa foi dada (ou tomada), é o dom, única e verdadeira causa primeira [...]. “Sem a iniciativa de um gesto gratuito”, para falar como Aristóteles, nada pode existir (GODBOUT, 1997, p. 190).

Dessa afirmação de Godbout se deduz que a primeira dádiva é gerada de forma totalmente espontânea, estando, assim, imbuída de extrema liberdade, pois não se fundamenta em nenhum dever. Aqui cabe uma ressalva. De fato, *não há um dever prévio em relação ao outro* que fomente a constituição do primeiro dom, tendo em vista que ainda não se estabeleceu, em todos os sentidos, uma obrigação mútua. No entanto, não se pode falar que não haja algum *imperativo*. Segundo Lévi-Strauss (2003, p. 99), *há o imperativo do próprio contato social*: “o uso de nossa sociedade é ignorar as pessoas cujo nome, ocupações e categoria social não são conhecidos”. Mas, no momento em que tais pessoas se encontram frente a frente, numa “promiscuidade muito estreita”, aquela distância social se torna “um fator de sofrimento, no sentido em que todo contato social contém um apelo e este apelo é uma esperança de resposta”. Logo, a dádiva permite a solução de tal situação. No filme, aqui analisado, o momento que marca a formação do primeiro dom é representado pelo contato que Trevor tem com Jerry, um mendigo que ele encontra quando um dia retornava da escola para casa. Quando os olhos dos dois se entrecruzam surge aquele imperativo apontado pro Lévi-Strauss. Trevor se sente impelido a reagir diante da situação de miséria, desamparo, solidão,... enfrentada por Jerry, ofertando-lhe ajuda. Essa dádiva, quando realizada, cria um sentimento de dívida do donatário em relação ao doador. Nas palavras de Simmel (1950), entra-se, a partir dela, numa *situação de obrigação*: *surge um dever moral de retribuição*. Com efeito, “a relação de indiferença, desde o momento em que um dos convivas decide escapar a ela, não pode mais reconstituir-se tal como era” (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 99). Forma-se, com isso, o *elo social*.

Mas qual é a regra de direito e de interesse que faz com que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído? Que força existe na coisa que se dá que faz com que o donatário a retribua? Foram essas as questões feitas por Mauss ao analisar os sistemas de trocas nas sociedades arcaicas. Em sua resposta, ele aponta que existe, nas coisas colocadas em circulação, uma *força que se liga ao doador*. Essa força envolve de tal forma o donatário que o impulsiona à retribuição: “os *taonga*⁶ e todas as propriedades rigorosamente ditas pessoais

⁶ A noção de *taonga* deve ser compreendida aqui como uma *riqueza*. Ela diz respeito a “tudo quanto seja propriedade propriamente dito, tudo o que faz ser rico, poderoso, influente, tudo o que pode ser trocado, objeto de compensação”.

têm um *hau*⁷, um poder espiritual. Vocês dão-me um, eu dou-o a um terceiro; este dá-me um outro, porque é forçado pelo *hau* do meu presente; e eu sou obrigado a dar-vos essa coisa, porque é preciso que eu vos devolva o que é, na realidade, o produto do *hau* do vosso *taonga*” (MAUSS, 2001, p. 64). No entanto, em sentido mais amplo, devemos entender essa retribuição não somente como um presente devolvido ao primeiro doador, mas como um ato que nesse se espelha. Ou seja, como diz Lefort (*apud* GODBOUT, 2002, p. 75), “não fazemos dons para sermos retribuídos, mas para que o outro faça seu dom”. Para Mauss (2001), é o *taonga* ou o seu *hau* que se apega ao donatário até que este dê do seu próprio, dos seus *taonga*, das suas propriedades, sejam elas materiais ou simbólicas, um equivalente ou um valor superior. Deduz-se, daí, que o presente só nos é dado sob condição de dele fazermos uso para um outro, ou de o transmitirmos a um terceiro. É nesse sentido que o pensamento maussiano fala de uma virtude produtora que vai junto com a coisa dada, pois ela, de fato, gera um encadeamento de dádivas – “o dom é a condição *sine qua non* de toda a fecundidade” (Godbout, 1997, p. 191).

Interessa observar que o sistema mostrado por Trevor aponta para o surgimento de uma espécie de *associação* visando o cuidado recíproco entre os seres humanos. Não há fechamento, mas sim *abertura* à inclusão freqüente de novos membros: aquele que recebe a dádiva e, com efeito, tem sua vida impactada por ela – ou seja, há uma modificação da condição prévia –, então deve *passar adiante*, para que outros também possam usufruir de tal bem-estar. Esse dever não é sentido pelo indivíduo enquanto algo que lhe é imposto de maneira externa – mesmo que seja a força do presente recebido que o envolva numa situação de obrigação –, mas sim como uma força interior que o faz não mostrar-se indiferente ao outro. Reelaborando melhor essa observação valendo-nos das categorias maussianas, poderíamos dizer que o *espírito* do doador mobiliza o *espírito* do donatário, pondo esse em ação.

Quando Trevor finaliza a exposição de sua idéia, seus colegas começam a demonstrar suas opiniões, no âmbito das quais surge a seguinte afirmação: “tem gente que quebra esse sistema”. De fato, essa é uma possibilidade a qual Trevor se mostra ciente. Em se tratando de

Na cultura maori, por exemplo, “são exclusivamente os tesouros, os talismãs, os brasões, as esteiras e ídolos sagrados, algumas vezes mesmo as tradições, cultos e rituais mágicos” (MAUSS, 2001, p. 62). Ou seja, os *taonga* tratam daquilo que, numa relação de dádiva, é posto em circulação e que carrega consigo as *marcas* do doador.

⁷ O termo *hau* provém da civilização maori e designa, segundo Mauss (2001), simultaneamente, a alma e o poder das coisas inanimadas e vegetais. Nesse sentido, Godbout (1997, p. 191) extrai a seguinte significação para o conceito de *hau*: “designa a força vital, o sopro, o que faz nascer e desenvolver-se, a origem de todo o crescimento e de toda a maturação”.

dádiva, lembra-nos Haesler (2002, p. 158), “a necessidade de uma mediação objetual introduz no âmago da relação um momento de contingência: a possibilidade de *escolher* entre ‘forma’ e ‘objeto’ desta relação; assim, a dádiva nunca estará livre do risco de terminar em troca e o doador de ficar decepcionado, ser explorado, incompreendido”. Em outras palavras, sempre que o *objeto* (a coisa em si) for supervalorizado em detrimento da *forma* (a relação social que subjaz a coisa em circulação), quebra-se a corrente. Isso pode ocorrer de três maneiras: 1) retribui-se o objeto com outro de igual valor, visando à equivalência, ou seja, à quitação da dívida; 2) recebe-se o objeto, mas recusa-se a retribuí-lo, a manter-se na espiral da dádiva; 3) simplesmente recusa-se o presente para não se entrar numa situação de obrigação.

É curioso observar que a motivação que levou Trevor a desenvolver seu sistema foi justamente a constatação da fragilidade dos laços humanos e, como consequência disso, da situação de desamparo na qual se inserem os indivíduos. Martins e Campos (2006, p. 13-14) formulam uma questão que parece sintetizar os pensamentos de Trevor, apesar de não verbalizados no filme, durante a elaboração de sua idéia: “é imaginável práticas em que os participantes interagem pelo prazer de estar em comunidade: de pertencer, de participar, ainda que tudo isso se gere de forma ambígua e complexa, misturando interesse e moral, prestígio, direitos e poder?”. É a partir daí que surge o “pay it forwards”.

“Um presente dado espera sempre um em retorno”⁸

Atentemos para a seguinte situação: após ter iniciado sua aula, o professor Simonet interrompe sua fala quando observa que um dos alunos chega atrasado, e lança a seguinte pergunta já acompanhada de resposta: “falta de pontualidade. O que isso indica? Talvez isso indique falta de respeito”. De acordo com tal percepção, ele expõe a seguinte expectativa: “eu estarei aqui todos os dias por causa de vocês, então espero que vocês estejam aqui por minha causa. Na hora certa sem desculpas”. Segundo Mauss (2001, p. 140), a dádiva aponta para o fato de que “se damos as coisas e as retribuimos é porque *nos* damos e *nos* retribuimos ‘respeitos’ – dizemos ainda ‘delicadezas’. Mas também é que damos a *nós mesmos* ao darmos

⁸ Terceiro verso da estrofe 145 do *Havamál*, um dos velhos poemas da *Eda* escandinava – tipo de literatura em forma de poema ou prosa que reúne as tradições mitológicas e lendárias dos antigos povos escandinavos. Para este e outros fragmentos de tal obra, ver Mauss (2001, p. 49-51).

aos outros, e, se damos a *nós mesmos*, é porque ‘devemos’ a *nós mesmos* – nós e o nosso bem – aos outros”.

Essa relação de respeito mútuo nos evidencia que existe, por trás da dádiva, sempre a esperança de retribuição, sem essa retribuição os elos não se firmariam. Inspirando-se em Douglas, Godbout nos diz,

O dom gratuito efetivamente não existe [...]. Porque o dom serve antes de mais para estabelecer ligações. E uma relação sem esperança de retorno (por parte daquele a quem se dá ou de um outro que se substituiria a ele), uma relação de sentido único, gratuita neste sentido, e sem motivo, não seria uma relação. Além ou aquém dos momentos abstratos do egoísmo e do altruísmo, [...] é preciso pensar o dom, não como uma série de atos unilaterais e descontínuos, mas como uma relação. (GODBOUT, 1997, p. 14-15)

Mesmo considerando a impossibilidade de uma dádiva inteiramente gratuita, importa ressaltar que a expectativa de retribuição, gerada por ocasião do presente ofertado, está imersa numa profunda incerteza de saciedade. Não há qualquer garantia nesse sentido: o indivíduo se expõe “à possibilidade de que aquilo que retorna difere do que foi oferecido, remete a um prazo desconhecido, a algo que talvez seja retribuído por outros que não aqueles a quem foi oferecido, ou que talvez nunca seja retornado” (CAILLÉ, 2006, p. 31). Mas é justamente nessa incerteza que se eleva uma das principais qualidades da dádiva: mesmo diante da possibilidade de uma falha na reciprocidade, a oferta ainda se realiza, evidenciando a generosidade e o “desinteressamento”⁹ que nela subjaz.

A suspeita do homo oeconomicus

Quando o jornalista Jay Mohr tem o seu carro destruído após um acidente ocorrido durante a cobertura que ele fazia de um seqüestro, surge um estranho, Sr. Thorsen, e lhe oferece seu carro de presente. Jay, sem entender o porquê do gesto, pergunta: “está me

⁹ Esse neologismo foi proposto por Martins e Fontes (CAILLÉ, 2006, p. 25, nota 2) como uma possível tradução para o termo, em francês, *désintéressement*, desenvolvido por Allain Caillé, que significa *desprendimento de todo interesse pessoal*. Caso se optasse em traduzir tal termo por *desinteresse*, cair-se-ia na ambigüidade que essa palavra carrega em nosso vernáculo: pode significar tanto desprendimento e generosidade como falta de interesse. Assim, surgem duas alternativas: 1) usar a palavra *desprendimento*, mas perdendo algo de fundamental, a saber, que apesar de tal desprendimento revelar uma certa espontaneidade desinteressada, ele não descarta a presença de um certo interesse – não mais apenas o *interesse em* (de caráter material), mas, também, o *interesse por* (outrem); ou 2) empregar o neologismo *desinteressamento*, buscando preservar a carga semântica da expressão original. A opção escolhida, evidentemente, foi a segunda.

emprestando seu carro?”. Thorsen lhe responde: “não, quero que fique com ele. Tenho tido muita sorte. Não preciso dele”. Godbout (1997) pensa essa situação, bem nesses termos. Segundo ele, a motivação que sobressai para esclarecer esse tipo de ação benevolente é o fato de se ter recebido muito da “vida em geral” e de se desejar retribuir um pouco do que se recebeu¹⁰.

Mas nem sempre essas ações são bem compreendidas, pois normalmente são encaradas sobre o prisma do *homo oeconomicus*: “o ator econômico solitário, auto-referente e autocentrado que persegue o melhor ideal e se guia pela ‘escolha racional’, preocupado em não cair nas garras de quaisquer emoções que resistam a ser traduzidas em ganhos monetários e vivendo num mundo cheio de outros personagens que compartilham todas essas virtudes, e nada além” (BAUMAN, 2004, p. 89). Visto nessa perspectiva racionalizada, calculista, o indivíduo se torna incapaz de uma ação que não vise o lucro, qualquer ação de generosidade que venha a realizar em relação a outro é vista sempre com desconfiança, pois se pressupõe que “o que motiva a produção e a troca de bens não é o altruísmo ou a generosidade, mas o interesse material” (GODBOUT, 1997, p. 9). Assim encontra-se na fala do jornalista Jay: “está me dando um Jaguar novinho, e não quer nada em troca?”. Essa questão evidencia uma posição completamente utilitarista, pois privilegia somente o momento de receber, ou seja, postula os indivíduos como movidos meramente pela expectativa da recepção, tornando incompreensível o desenrolar da dádiva. Esquece-se que tão importante quanto o ato de receber é o ato de dar, “que a compaixão e a generosidade são tão essenciais como tomar, apropriar-se ou conservar” (GODBOUT, 1997, p. 29).

Quando Jay desconfia da existência de algum interesse material por trás do gesto de Thorsen – que esse só poderia estar visando algo em troca –, está conjeturando o surgimento de uma dívida que precisaria ser quitada: “por acaso quer que eu mate a sua mulher?”, demanda Jay, considerando que tal ato seria um objeto que estaria em nível de equivalência com o carro recebido. Nesse sentido, ele está pensando a partir do *modelo mercantil*, justamente, por esse visar à ausência de dívida na esfera das relações sociais. “Neste modelo”, nos diz Godbout (2002, p. 67), “cada troca é completa (*clear*). Graças à lei da equivalência, cada relação é pontual; sem futuro, ela não se insere, portanto, em um sistema de obrigações”. Assim, se percebermos o indivíduo a partir da condição do *homo oeconomicus*, estaremos

¹⁰ A esse respeito, encontramos em Mauss (2001, p. 182) a citação de um provérbio Maori: “dá tanto quanto recebes e tudo estará bem”.

considerando-o enquanto *destituído* de vínculos sociais (BAUMAN, 2004). Sobre isso, se posiciona Mauss,

Foram as nossas sociedades ocidentais que, muito recentemente, fizeram do homem um “animal econômico”. Mas, por enquanto, nem todos somos seres desse gênero. [...] O homem foi, durante muito tempo, outra coisa; e não há muito tempo que ele é uma máquina, uma complicada máquina de calcular.

Aliás, nós estamos ainda afastados, felizmente, deste constante e glacial cálculo utilitário. (MAUSS, 2001, p. 189)

Em última instância, Mauss acredita, de fato, que o ser humano, justamente por ser humano, não vá chegar a um estado calculista *puro*. Assim como o nosso personagem-herói Trevor, ele demonstra um ato de fé extremo na bondade das pessoas, justamente por perceber que ao lado da *obrigação* e do *interesse*, elevam-se, *também*, enquanto *móveis da interação humana*, a *liberdade* e a *generosidade* (desinteressamento). Esse sistema é, precisamente, o sistema da *dádiva*. Numa perspectiva durkheimiana – que por sinal influencia, em grande medida, o pensamento de Mauss –, podemos conjecturar agora tal sistema em termos de essências, ou “formas elementares”. Assim, o ser humano não seria, essencialmente, um ser *oeconomicus*, mas *donator*: “é só generosidade entre estranhos”, informa Sr. Thorsen à Jay.

Para Godbout (2002), o dom aos desconhecidos representa uma das possibilidades dentre as relações da *dádiva*¹¹ e caracteriza-se pelo fato de que a dívida é transferida para um terceiro – e desse para um quatro e assim por diante... Vejamos como se constitui essa espiral de obrigações.

Sobre a constituição da obrigação

“Generosidade? Isso é um Jaguar, meu chapa! É só levá-lo para casa, e pronto?”, questiona Jay à Thorsen. De fato, aceitar esse presente tem diversas implicações – mas vale ressaltar que essas não são necessariamente utilitaristas. Não se trata só de aceitar, mas de criar um vínculo que obriga o indivíduo de diversas maneiras, pensando moralmente. No contexto do filme em questão, essa obrigação se dá no seguinte sentido: “faça o que dizem. *Passe pra frente*”, responde Sr. Thorsen a pergunta acima suscitada. Mas novamente

¹¹ Cinco modelos de *dádiva* vêm sendo elaborados, a saber, a *solidariedade*, o *dom agonístico entre iguais*, o *dom entre desiguais*, o *dom aos desconhecidos* e a *dívida mútua positiva*. Para mais informações cf. Godbout (2002, p. 90-92).

problematiza Jay: “e se eu não achar que sou obrigado?”. Essa questão mostra a *incerteza* que ronda a espiral da dádiva, como um dado que lhe é constituinte. A obrigação que se verifica aí, “não é absoluta na medida em que, na experiência concreta das práticas sociais, os membros da coletividade têm uma certa *liberdade* para entrar e sair do sistema de obrigações” (MARTINS, 2006, p. 94, grifo nosso). No entanto, essa liberdade não elimina a formação da dívida e tal fato torna difícil para o indivíduo sair da relação estabelecida, apesar disso ser possível.

A liberdade é algo essencial no interior da dádiva, assim como a obrigação. É isso que destaca Godbout ao nos relatar que,

Na relação de dom, em vez de limitar, o ator visa ampliar a liberdade dos outros porque essa é a condição prévia ao valor que ele irá atribuir ao gesto do outro. Dizemos que ele tende a aumentar a incerteza porque procura reduzir, permanentemente, no outro, qualquer sentimento de obrigação, mesmo que as obrigações estejam sempre presentes alhures. O ator de um sistema de dom tende a manter o sistema em um estado de incerteza estrutural para permitir que a confiança se manifeste. (GODBOUT, 2002, p. 77)

Buscando entender o gesto do Sr. Thorsen, Jay se mantém firme nas interrogações, evidenciando em sua fala outros aspectos, que para nossa discussão aqui, se mostram bastante interessantes: “mas que história é essa? Um advogado que teve um surto de altruísmo?”, demanda Jay. Para um tipo de concepção que tem sempre de polarizar as coisas para se obter repostas coerentes a um certo nível, a dádiva só pode ser encarada ou como um ato *egoísta* – pois estaria sempre relacionada ao lucro em última instância – ou *altruísta* – enfatizando um ideal que, em vias práticas, estaria distante de se concretizar. Todavia, é necessário pensar o dom além e/ou aquém de tais momentos abstratos: a dádiva praticada pelo Sr. Thorsen em relação à Jay teve uma motivação, justamente por estar inserida num sistema de obrigações: sua filha, que sofre de asma, teve uma crise numa certa noite, sendo levada ao pronto-socorro, mas, devido à presença de casos mais graves (esfaqueamento) na emergência, a enfermeira disse que só poderia atender a menina posteriormente. Sr. Thorsen se desespera, “ela não consegue respirar. Está muito assustada. Ela nunca se sentiu assim. Precisa fazer alguma coisa”. No entanto, a enfermeira não parece se sensibilizar. Então um paciente esfaqueado abre mão de seu privilégio de ser atendido primeiramente, dirigindo-se à enfermeira com a seguinte imposição: “que palhaçada é essa? Ajude a menina imediatamente!”. Thorsen agradece ao estranho pela gentileza e, logo em seguida, é incumbido, por esse, de realizar três grandes favores a três pessoas.

Mesmo depois de exposta essa situação, o jornalista Jay ainda se mostra confuso, não consegue compreender esse sistema de dádiva: “então você e o pobretão resolveram dar uma de Madre Teresa? Não é ‘nova era’ demais pra você? Por acaso entrou pra uma seita?”. Esse conjunto de perguntas revela uma outra correlação equivocada: a dádiva, se de fato existe, estaria sempre relacionada com algum tipo de motivação religiosa. Mas não se trata disso, pois tal motivação não é essencial, ou seja, não é princípio básico ao engendramento do dom¹².

Nesse momento, cabe retomarmos a já citada afirmação de Lefort: “não fazemos dons para sermos retribuídos, mas para que o outro faça seu dom”. A dádiva torna-se, assim, “o ato pelo qual o homem revela-se *para* o homem e *pelo* homem”. Nesse sentido, a dádiva é, “ao mesmo tempo, o estabelecimento da diferença e a descoberta da similitude [...]; a idéia de que a dádiva deve ser retribuída pressupõe que outrem é *um outro eu* que deve agir como *eu*; e este gesto em retorno deve confirmar-me a verdade de meu próprio gesto”. É por isso que não damos para recebermos, mas para que o outro dê por sua vez; dessa forma, os homens dão testemunho “uns aos outros de que eles não são coisas” (LEFORT *apud* HAESLER, 2002, p. 153, grifo nosso).

O imperativo da obrigação de receber

Para Mauss (2001) a *obrigação de receber* não é menos constrangedora, pois não se tem o direito de recusar uma dádiva, já que agir assim seria manifestar o medo que se tem de retribuir, ou seja, de entrar em um sistema de obrigações mútuas e correr o risco de ser rebaixado quando da impossibilidade de retribuição. Na representação fílmica, essa situação se materializa quando Arlene (mãe de Trevor) tenta dar um beijo em Simonet e esse se afasta – mesmo desejando tal beijo. Ela imediatamente diz: “é o melhor que posso oferecer”. Ele busca contornar a situação, exclamando: “não é você”. Mas Arlene contesta, e com razão: “claro que é!” – de fato, como ressalta Godbout (1997, p. 305), “todo o dom é um dom de si”,

¹² Se tomarmos o termo religião em seu sentido institucional – assim como é empregado na representação fílmica –, ou seja, correspondendo a grupos que seguem crenças baseadas em princípios sobrenaturais, de fato não poderíamos associá-lo, necessariamente, ao contexto da dádiva. No entanto, se adotarmos a interpretação de que a palavra religião deriva, etimologicamente, do termo latino *religare* (religar), estaremos concebendo-a enquanto concernente à constituição de *elos*. Assim, podemos dizer que, *lato sensu*, o dom tem um princípio religioso, pois, em última instância, fomenta as *relações (elos) sociais*.

“porque aceitar qualquer coisa de alguém é aceitar qualquer coisa da sua essência espiritual, da sua alma” (MAUSS, 2001, p. 66). Logo em seguida, ela desvenda o motivo do distanciamento: “eu te ofereci uma coisa, mas você não quer! Vai ver é medo de rejeição, mas você me rejeitou primeiro!”¹³. Não receber é “perder o peso” do seu nome, “é confessar-se vencido de antemão, ou, pelo contrário, em certos casos, proclamar-se vencedor e invencível” (MAUSS, 2001, p. 121). Quando se recebe uma dádiva é como se recebesse um peso “sobre as costas”, pois, em certo sentido, aceitou-se um desafio.

Em outra situação, evidenciada no filme em questão, temos: Arlene questiona Jerry (o mendigo) sobre o tipo de relação que há entre ele e seu filho, Trevor. “Ele queria ajudar alguém a ter uma vida decente de novo. Então, ele me deu dinheiro”, explica Jerry. Em seguida, enfatiza que sua situação de vida é deplorável, que quando já não percebia mais nenhuma possibilidade de mudança apareceu Trevor e lhe estendeu a mão. É interessante observar que a forma como se constituem as relações sociais se baseia num tal imperativo de vínculo, que minimiza a possibilidade de se fugir a esse. Nas palavras de Jerry: quando tudo parecia perdido “aí aparece alguém como o seu filho, que tenta me ajudar e aceito a ajuda, mesmo que seja de uma criança”. A partir dessa afirmação, pode-se perceber que a obrigação de receber “confunde-se com a de receber a vida, esta centelha de organização saída do caos” (GODBOUT, 1997, p. 190).

Interessa ressaltar que aceitar uma dádiva não é apenas assumir uma obrigação para com outrem, mas também para consigo mesmo, é aceitar-se enquanto parte significante de um todo, o que exige do indivíduo uma determinada *postura*. Na situação em questão, Jerry recebeu uma dádiva, em forma de dinheiro, que lhe permitiu, de fato, começar a ajustar sua vida. Segundo ele, com o dinheiro “comprei sapatos e roupa para fazer a entrevista [para emprego]”. O pensamento maussiano segue nesse sentido, afirmando que “é necessário que o indivíduo trabalhe. É necessário que seja forçado a contar mais consigo do que com os outros. [...] [Pois] O excesso de generosidade e o comunismo ser-lhe-iam tão prejudiciais, a ele e à sociedade, como o egoísmo dos nossos contemporâneos e o individualismo das nossas leis” (MAUSS, 2001, p. 180).

¹³ O professor Simonet tem grande parte de seu corpo, inclusive seu rosto, marcado por cicatrizes ocasionadas por queimadura. Sua aparência física termina por tornar-se um empecilho a qualquer possibilidade de aproximação afetivo-amorosa. Ele tem medo da rejeição. Assim, quando Arlene se mostra interessada por ele, sua reação é a recusa de uma possível relação, pois receia ser posteriormente rejeitado devido à sua condição.

A confiança como um dado fundamental às relações da dádiva

Arlene vem sofrendo, ao longo de muitos anos, o mal do alcoolismo. Apesar de suas constantes tentativas em escapar a esse vício, acaba sempre nele recaindo. Seu filho, Trevor, sofre muito ao ver a situação da mãe e cobra-lhe sempre força de vontade na superação de tal problema. As promessas de Arlene para seu filho, de que as coisas logo mudarão, são freqüentes, no entanto, nunca concretizadas, abalando, assim, a relação de confiança entre os dois. Num momento de desespero, e percebendo que está perdendo, aos poucos, seu filho, Arlene desabafa à Trevor: “não tem motivos para confiar em mim e sei que não quer saber de mais promessas, então vou te dizer a verdade. Tenho um problema. Um problema muito sério. Preciso parar. Se puder enfrentar isso comigo, se acha que é possível, que vou conseguir, eu também vou achar. Se você puder fazer um esforço...”. Prontamente, Trevor abraçou a sua mãe, desfazendo-se, assim, a barreira que os separava.

A verdade que emanou daquela auto-exposição reacendeu a confiança necessária ao reatar dos laços, o que nos leva a perceber tal confiança, assim como Martins (2006, p. 105), enquanto “um dos primeiros bens simbólicos a circular a favor da validação da relação social”. Ainda nas palavras desse pesquisador, “o valor-confiança constitui um atributo que apenas se desenvolve primariamente no nível das relações da dádiva, no dar ao outro gratuitamente um crédito de honra, no acreditar que ao se dar esse crédito a alguém ele será retribuído com algo que faça circular adequadamente a confiança inicialmente depositada” (p. 104-105).

A palavra enquanto bem primordial

Godbout (1997, p. 21) acredita que a palavra é o primeiro bem que os seres humanos trocam entre si. Ela aponta para um ato de *reconhecimento*, justamente por estar “*destinada ao outro enquanto outro*”. “*Ela não pode circular a não ser que, entre um e o outro, entre uns e os outros, tenha sido previamente criada e simbolizada a própria relação que autoriza a palavra – aquela que permite estar em speaking terms – e se alimenta dela*”. Vejamos como a palavra se apresenta no enredo de *A corrente do bem*.

Por muitos anos, Arlene culpou sua mãe, Grace, pela falta de cuidados que permitiu com que ela vivenciasse tristes situações, quando criança, que lhe marcaram profundamente. Tal falta de cuidados era motivada, em muito, pelo vício alcoólico de Grace – vício esse que posteriormente também iria assolar Arlene. Paulatinamente, foi-se criando um abismo entre as duas, desfazendo a relação mãe-filha ao ponto do quase estranhamento mútuo. Depois de um longo período de distanciamento, um reencontro e um problema a ser resolvido: “quero tentar fazer uma coisa. Tudo o que acontecia quando eu era uma criança... a bebida e os homens. O que acontecia comigo quando você não estava olhando. Sei que somos fracos”, diz Arlene à Grace. E logo completa: “bom, o negócio é o seguinte... eu te perdô”. Percebe-se aí algo de muito precioso sendo ofertado, mesmo que a princípio nada pareça custar: “*palavras, palavras simples, palavras boas, quando não grandes, ou idéias raras, fórmulas bem cinzeladas que têm uma possibilidade de ficar no espírito dos nossos interlocutores*” (GODBOUT, 1997, p. 21).

Após o perdão ser expresso em palavras, intensifica a troca de olhares entre Arlene e Grace. Essa, tomada por um extraordinário sentimento de gratidão, não pôde expressar isso em palavras, na verdade nem precisava. Como nos diz Simmel,

Chamamos de gratidão [...] algo muito mais profundo que a forma comum do *obrigado* que damos por um presente. Podemos dizer que a gratidão consiste, aqui, não na retribuição de um presente, mas na consciência de que esse *não* possa ser retribuído, que existe algo que coloca o donatário num estado de *permanência* em relação ao doador, e que o conduz a consciência de um *infinito intrínseco* de uma relação que não pode ser esgotada ou realizada [no sentido de finalizada] por nenhum presente em retorno ou qualquer outra ação (SIMMEL, 1950, p. 392, grifo nosso).

Outro aspecto da dádiva que se evidencia na relação de Arlene e Grace é o que se define por *estado de dívida positivo*: “quando o desejo de dar (ou a gratidão) experimentado por cada parceiro em relação ao outro dirige-se ao que ele é, em vez de se referir unicamente ao que recebeu do outro” (GODBOUT, 2002, p. 91). Em Simmel (1950, p. 389), temos a seguinte explanação sobre: “nós não agradecemos alguém somente pelo que esse *fez* [...]. Nós lhe somos gratos apenas [e simplesmente] por causa de sua existência, por podermos experienciá-lo”.

O que verdadeiramente importa são os laços

Ao caminhar pelas ruas sem destino certo, o mendigo Jerry se depara com uma senhorita que está prestes a pular de uma ponte. Tal situação o angustia, fazendo-o correr em socorro daquela: “ai, meu Deus! Olha aqui... não pode estar tão ruim assim. Desça daí”, suplica-lhe Jerry. A moça se assusta com a atitude do mendigo e o questiona: “o que te importa?”. Prontamente responde Jerry: “devo um favor a alguém”. “A mim é que não é”, retruca a senhorita, mantendo-se firme em seu propósito. No entanto, insiste Jerry: “por que não? Sabe, há um minuto, eu só conseguia pensar na minha próxima picada. Aí, quando vi você mudei de idéia”. Nessa última colocação há um dado precioso quanto ao vínculo estabelecido por ocasião da dádiva: pode-se deduzir, a partir de Haesler (2002) sob inspiração de Lévinas, que há, no indivíduo, um imperativo em relação ao *outro*, isto é, o indivíduo só se realiza plenamente quando se dá conta da sua “*responsabilidade para com outrem*” (p. 150). Assim, “a única saída é o encontro com Outrem. É por ele que o sujeito aprende a desinteressar-se de si mesmo. Por sua presença, Outrem faz estourar a totalidade tranqüilizadora do Eu” (p. 147). Daí, “descobrirmos o rosto de Outrem é fazermos a experiência inimaginável de que nunca nos pertenceremos inteiramente, que há desde sempre em nós um vínculo com Outrem” (p. 148).

É esse vínculo que, em última instância, prevalece. Segue a cena: “qual é! Vá embora! Não valho o seu esforço”, enfatiza a moça. Mas questiona Jerry: “e por que não?”. Nesse momento, ele já havia se dado conta da importância que essa pessoa passou a ter em sua vida. Então, visando o estabelecimento dessa relação, propôs um ato simbólico de união: “vamos tomar um café”. A moça ficou, a princípio, sem entender a proposta. Todavia, sua compreensão logo se fez quando Jerry se colocou, também, em suas mãos: “me faça um favor... salve a minha vida”. Nessa situação havia duas questões existenciais a serem resolvidas que correspondiam, respectivamente, a duas vidas, a saber, a de Jerry e a da moça desconhecida. A solução se apresentou, precisamente, no laço que se estabeleceu: “no próprio gesto de ajudar os outros se pode encontrar uma solução para os seus próprios problemas. Dar e receber confundem-se” (GODBOUT, 1997, p. 98)

Considerações finais: o retorno a um *ethos* fundador

Toda espiral do dom que fora exposta no filme *A corrente do bem* partiu de um primeiro ato de generosidade, realizado por Trevor, cuja idéia de promover uma aliança humana em prol do humano materializa o que Mauss já havia percebido como a essência, como o dado fundamental sobre o qual se constitui todas as sociedades, a saber, a *dádiva*. O professor Simonet, ao comentar a idéia do “pay it forward”, concebida por Trevor, observa que esse “tentou interagir com o mundo”, sendo isso o objetivo do trabalho escolar que fora proposto. Com efeito, é justamente disso que trata a dádiva, de *interações*. Nesses termos, compreende-se bem o que Godbout (1997, p. 310) quis dizer quando afirma que “o dom volta a ligar-nos à sociedade e ao mundo. O dom reintegra a humanidade no cosmos”.

Ao final da história, Trevor constata que sua idéia, de fato, teve algum impacto sobre outras pessoas, mas percebe a dificuldade que existe, na contemporaneidade, de firmarem-se laços mais perenes entre os seres humanos. Diz-nos ele: “as pessoas têm muito medo de pensar que as coisas podem mudar. [...] é difícil pra quem se acostumou com as coisas como elas são. Mesmo que sejam ruins é difícil mudar. Então as pessoas desistem. Quando isso acontece, todo mundo sai perdendo”. Realmente, agirmos levando em consideração apenas a nós mesmos, nossas dificuldades, nossos próprios interesses, não irá contribuir nunca para o bem estar e a felicidade nossos e dos que nos cercam. Como diz Mauss (2001, p. 189), “a perseguição brutal dos objetivos do indivíduo é prejudicial para os objetivos e para a paz do conjunto, para o ritmo do seu trabalho e das suas alegrias e – pelo efeito de retorno – para o próprio indivíduo”.

Daí surge a proposta de Trevor: “você precisa observar mais as pessoas. Ficar de olho nelas e protegê-las. Nem sempre a gente sabe o que precisa. É a grande chance de concertar uma coisa que não seja sua bicicleta. Dá pra ‘consertar’ uma pessoa”. Esse clamor converge com aquele pronunciado por Mauss (2001, p. 180): “é necessário mais cuidado com o indivíduo, a sua vida, a sua saúde, a sua educação [...], a sua família e o futuro desta”. Em suma, o pensamento maussiano nos convida a “retornar” a um *ethos* no qual o único sentido da vida social é o *voltar-se ao outro*.

É necessário que ele [o cidadão] tenha o sentido agudo de si próprio mas também dos outros, da realidade social [...]. É necessário que ele aja tendo-se em conta a si próprio, aos subgrupos e à sociedade. Esta moral é eterna; é a moral comum às sociedades mais evoluídas, às sociedades do futuro próximo e às sociedades menos instruídas que possamos imaginar. (MAUSS, 2001, p. 180-81)

Isso é a resposta à pergunta de Godbout (1997, p. 25), que expomos na epígrafe do nosso texto: “*o dom? Aquilo que resta quando tudo foi esquecido, e antes de tudo ter sido aprendido?*”. Aqui nos surge uma última intuição, ainda por ser analisada em todas as suas implicações: se substituirmos, nessa questão, o termo *dom* pela expressão *amor ao próximo*, estaremos sintetizando os quatro móveis da interação humana – interesse, obrigação, liberdade e generosidade – num único sentimento (*amor*), que, de fato, parece estar no princípio e no fim de tudo, o alfa e o ômega. Como nos diz Bauman (2004, p. 98), “aceitar o preceito do amor ao próximo é o ato de origem da humanidade. Todas as outras rotinas da coabitação humana, assim como suas origens pré-estabelecidas ou retrospectivamente descobertas, são apenas uma lista (sempre incompleta) de notas de rodapé a esse preceito”. E completa: “amar o próximo pode exigir um salto de fé. O resultado, porém, é o ato fundador da humanidade”.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CAILLÉ, Allain. O Dom entre Interesse e “Desinteressamento”. In. MARTINS, Paulo Henrique; CAMPOS, Roberta (orgs.). *Polifonia do dom*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2006, p. 25-66

CORRENTE do bem, A (*Pay It Forward*). Direção: Mimi Leder. 2000. 1 DVD, 123 min, color.

GODBOUT, Jacques. Homo donator versus homo oeconomicus. In. MARTINS, Paulo Henrique (org.). *A dívida entre os modernos: Discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 63-97.

GODBOUT, Jacques. *O espírito da dívida*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

GRAEBER, David. O comunismo de Marcel Mauss. In. MARTINS, Paulo Henrique; CAMPOS, Roberta (orgs.). *Polifonia do dom*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2006, p. 67-87.

HAESLER, Aldo. A demonstração pela dádiva: abordagens filosóficas e sociológicas. In. MARTINS, Paulo Henrique (org.). *A dádiva entre os modernos*: Discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 137-160.

LANNA, Marcos. De bens inalienáveis e “casas” no *Ensaio sobre a dádiva*. In. GROSSI, Miriam; CAVIGNAC, Julie Antoinette; MOTTA, Antonio. *Antropologia francesa no século XX*. Recife: Massangana, 2006, p. 85-125.

LÉVI-STRAUSS. Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação. In. MARTINS, Paulo Henrique; CAMPOS, Roberta (orgs.). *Polifonia do dom*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2006, p. 89-116.

MARTINS, Paulo Henrique; CAMPOS, Roberta. Apresentação. In. MARTINS, Paulo Henrique; CAMPOS, Roberta (orgs.). *Polifonia do dom*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2006, p. 9-22.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2001.

SIMMEL, Georg. Faithfulness and Gratitude. In. WOLFF, Kurt. *The sociology of Georg Simmel*. New York: The Free Press, 1950, p. 379-395.

Recebido em: 20/07/2011. Aceito em: 04/09/2011.